

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Rev. Interior Class.: Kaiapó/Raoni

Data: Jan-fev/86 Pg.: 12 e B 382

ÍNDIO BRASILEIRO

Novo gosto de vida

Cura de Ruschi desperta País para riquezas da terra

Ninguém pode mais dizer que não acredita porque não viu. Todas as tribos da aldeia global chamada Brasil viram a pajelança, via Embratel, aplicada pelos índios Sapaim, da tribo Kamaiurá, e Raoni, da tribo Txucarramãe, no cientista capixaba Augusto Ruschi, para expulsar o veneno do sapo da espécie dendrobata, que o contaminou há 10 anos, na Serra do Navio, no Amapá. Antes do tratamento, Ruschi estava totalmente desfigurado; depois da pajelança, Ruschi dizia: "Estou sentindo novamente o gosto da vida". A partir de agora, será difícil para a medicina oficial ignorar a força da medicina tribal dos índios.

Em várias partes do planeta cresce o movimento naturalista em direção a formas de alimentação, terapias e comportamento menos violentos, mais sintonizados com os ritmos elementares da natureza. Atualmente, o maior movimento do Ocidente, em termos de valorização das plantas medicinais, irrompe precisamente no paraíso da química sintética: a Alemanha Ocidental. A profecia de que o mundo se transformaria em aldeia global com o advento dos meios de comunicação de massa vai se cumprindo. Na medida em que vão tendo acesso à mídia televisiva, as culturas marginalizadas começam a despertar a atenção das tribos urbanas. O mais sofisticado veículo de comunicação tecnológica acaba projetando as formas mais primitivas de vida, e o episódio Ruschi serviu para despertar a opinião pública para um fato importante. Os índios são iniciados nos segredos de uma ciência milenar, uma ciência que é a mãe de todas as terapias do homem. Hipócrates já a utilizava —, a ciência da cura pelas plantas ou ervas medicinais.

O Brasil é um dos maiores laboratórios vivos de ervas medicinais do planeta. E sequer são necessárias grandes pesquisas. Segundo Mário Afonso Filho, um dos coordenadores do Instituto de Pesquisas sobre Ervas Medicinais, de São Paulo, "quem pesquisar vai descobrir a pólvora ou a roda". Mário Afonso Filho participou de um grupo de estudos, em trabalho conjunto com o IBDF, onde se detectou a incidência de 90% da flora medicinal nos campos do cerrado, precisa-

mente nas áreas de maior desmatamento para o plantio de cereais. Portanto, seria preciso, em primeiro lugar, uma estocagem destas plantas. E, em segundo lugar, um trabalho de adaptação nos viveiros da Embrapa. "Se não acontecer isto, daqui a dez anos não existirá mais flora medicinal brasileira", alerta o pesquisador.

Mais seriedade — A tendência dos meios de comunicação de massa é, quase sempre, folclorizar os índios e os seus valores. Marcos Terena, assessor para Assuntos Indígenas do Ministério da Cultura, teme que a repercussão criada em torno

de forma fragmentada como o homem branco. Para ele, corpo e mente, corpo e espírito, são indivisíveis. Uma sessão de cura é uma luta contra a morte. E por isso é necessário todo um ritual para lutar contra a morte, a partir do momento em que busca as plantas medicinais. Há uma concentração de energias, diz Terena: "As pessoas costumam chegar nas aldeias e perguntar qual é o remédio para evitar a geração de filhos. É claro que o pajé não vai passar estas informações. Existe todo um processo a ser respeitado. É como você entrar em uma igreja. Você está entrando em uma área que não lhe pertence mais. A medicina indígena tem valores espirituais, está voltada para o bem-estar das pessoas".

A imprensa publica, cotidianamente, fatos reveladores de que a indústria multi-



das sessões de pajelança para a cura do cientista provoquem verdadeiras romarias no Alto Xingu: "Não se pode transformar o pajé Sapaim em um deus ou em um novo doutor Fritz ou um novo Chico Xavier. Esta participação do índio tem de ser levada com mais seriedade. O índio deve ser valorizado em todo um contexto como ser social". O significado, os rituais, a ciência das plantas e o processo de cura variam de tribo para tribo. Cada tribo forma uma etnia, uma cultura, uma estrutura social diferenciada, por menor que seja numericamente. No caso particular dos pajés do Xingu, quando não conseguem curar alguém logo entendem que houve uma interferência errada no processo. Os espíritos podem ficar bravos quando não são atendidos. Um pajé se considera apenas um executor de uma mensagem transmitida pelos espíritos, um médium entre os homens e os espíritos.

Quando alguém fica doente, o pajé é chamado. O índio não percebe o mundo

nacional de remédios, hegemônica no mercado brasileiro, sobrepõe muitas vezes os interesses meramente econômicos aos interesses elementares de saúde dos cidadãos. Terena acredita que o interesse pela retomada das terapias com as plantas medicinais deveria se concretizar em pesquisas para a transformação das ervas em produtos de fabricação nacional. Mesmo porque as comunidades indígenas utilizam esses medicamentos apenas para as doenças que eles conhecem. "Você não vai encontrar os índios tratando de malária com esses medicamentos". Há, portanto, a necessidade de uma conjugação de métodos para se chegar ao tratamento de certas doenças. Sapaim e Raoni distinguem claramente entre doença de branco e doença de índio. Raoni chega a dizer que índio não tem doença. E só passou a ter a partir do momento em que teve contato com o branco. E Sapaim explica: "Antigamente, índio só tinha doença mandada por feitiço de pajé feiticeiro. Mas

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Rev. Interior

Class.: Kaiapó / Raoni

Data: Jan-Dez/86

Pg.: 12 e B 382

pajé-curandeiro cura tudo.”

Para Terena, é urgente o diálogo entre os cientistas do mundo branco e os cientistas-pajés do mundo índio. O pajé é o médico da tribo. Existe o pajé-vidente, o pajé-curandeiro, o pajé-feiticeiro. Em termos de medicina indígena, somente os pajés-curandeiros dominam a ciência da cura pelas ervas para situações que vão desde

As hemorragias nasais do cientista desapareceram já no segundo dia do tratamento ritualístico na base de cigarros feitos com ervas, realizado pelo cacique Raoni (E) e pelo pajé Sapaim (abaixo, com a mulher, Camussu). Para Ruschi, são fundamentais um intercâmbio sobre o emprego das ervas medicinais com os índios e a preservação das florestas



Mila Perillo

picada de cobra até sintomas gerais do corpo. Esse diálogo entre brancos e índios só depende do branco, do respeito com que o branco se aproximar do índio. As ervas medicinais dos índios podem ser plantadas em outros lugares. O conhecimento das ervas passa de pajé para pajé ou é revelado pelo espírito da Mata – Mammaé – explica Sapaim: “Eu não queria ser pajé. Não gostava da fumaça do cigarro dos pajés. Um dia, sonhei que estava fumando. Caí muito doente. O espírito chegou para mim e disse que seria grande pajé se fumasse o cigarro”. Se o branco quiser aprender sobre as ervas tem de se iniciar com os índios. Não pode aprender como se aprende bula de farmácia. Tem de passar muito tempo na mata. Tem de experimentar certas ervas que ensinam a ver as plantas medicinais sozinho. Tem de saber discernir uma erva boa de uma erva má. “Ele tem de aprender sobre as ervas porque as plantas têm vibração. As ervas passam grande força para a gente”, diz

Sapaim.

Terra é vida – Por enquanto, praticamente, não existe quase nada em termos de pesquisa sobre a medicina tribal dos índios. Quem pode decidir sobre este processo de diálogo entre o mundo branco e o mundo índio não se decidiu – explica Terena. Uma das dificuldades para se estabelecer este diálogo é a diferença de visões. Se alguém quiser entender a medicina tribal dos índios precisa entender todo o contexto cultural das sociedades indígenas. Não pode se limitar a uma curtição pelo artesanato. É preciso respeitar os pajés porque eles dominam os segredos de uma ciência milenar. Os pajés são muito reservados. Falam pouco e fazem muito. Eles são considerados autoridades legítimas pelos índios. E, portanto, os pajés precisam ser respeitados como cientistas.

“Lutar pela medicina tribal é lutar pela demarcação das terras indígenas”, diz Terena. Se os índios do Xingu não tivessem conseguido a demarcação de suas terras, talvez não pudessem curar o cientista Augusto Ruschi. Porque esses valores podem desaparecer. Eles só sobrevivem dentro de determinados padrões de vida. “As pessoas costumam não entender por que os índios brigam por tanta terra. Chegam a dizer que o índio é preguiçoso. O índio precisa de muita terra porque é nela que ele colhe suas ervas. É nela que ele recolhe madeira para o Quarup. É por isso que o índio não pode sobreviver em módulos de terra como querem algumas pessoas. Porque, para o índio, a terra é a vida. A terra que nutre o índio hoje é a mesma que nutrirá seu filho amanhã.”



Terena: A terra é a vida

Jose Luis Oliveira

Pajelança foi um alerta, diz Ruschi

Curado do veneno do sapo dendrobata pelo ritual da pajelança, o naturalista Augusto Ruschi fez um alerta: “É preciso que a juventude não se esqueça da medicina popular, da cultura indígena de milênios. Precisamos de solo para o plantio desses vegetais”, repetiu ele diversas vezes, defendendo a demarcação de terras suficientes para que o índio desenvolva e preserve toda sua cultura e sabedoria.

Conhecido na pacata cidade capixaba de Santa Tereza, a 72 quilômetros de Vitória, como “Guti”, o homem dos beija-flores, Augusto Ruschi nunca demonstrou medo de denunciar as grandes empresas devastadoras e, ainda hoje, após lutar meses contra a morte, continua lutando contra a devastação indiscriminada das matas do país que, como comprovaram os índios com a pajelança, guardam preciosos segredos e remédios para o homem. Ruschi diz que espera viver pelo menos mais dois anos, para terminar suas pesquisas.

A grande atração de Santa Tereza é o Museu Melo Leitão, onde o cientista pesquisa a fauna e a flora dentro de uma área de 78 mil metros quadrados. Dali, ao longo da vida, ele só se afastou para congressos, conferências em universidades e mais de 500 expedições científicas. Em 1984 o museu foi doado à Fundação Nacional Pró-Memória, para evitar que seus herdeiros viessem a lotear a área após sua morte.

O paraíso de Ruschi é formado por oito hectares de florestas e um casarão centenário cercado de flores e bebedouros de vinho, para onde são atraídos os beija-flores, sua espécie predileta. Com suas pesquisas ele obteve o título de maior autoridade do mundo em colibris. Classificados em espécies sedentárias e migratórias, os beija-flores só existem na América. Ruschi estudou desde sua alimentação, à base de carboidratos, até seus batimentos cardíacos, que caem durante a noite e chegam, de dia, a 1.500 por minuto.

Esse amor pelos passarinhos nasceu quando “Guti” ainda era menino e embrenhava-se nas matas virgens que cercavam a bucólica cidade. Mas se estende a todos os animais, como, por exemplo, as tartarugas. Foi ele quem descobriu, por exemplo, a existência de tartarugas gigantes de tamanho inusitado na região de Comboios, Espírito Santo. Ninguém acreditou, na época. Mas Comboios, hoje, é uma reserva ecológica e técnicos exibem fotos das tartarugas que antes pareciam alucinação do cientista.